

SOBRE UMA LEITURA ALEGÓRICA DA ESCOLA

MANOEL MARTINS DE SANTANA FILHO*

Um escritor que não ensina outros escritores não ensina ninguém
(Benjamin)

Introdução

Este texto foi produzido com o objetivo de apresentar algumas reflexões a partir da leitura de alguns textos de Walter Benjamin (1987), enriquecida nas discussões coletivas durante os encontros chamados Benjamin e Foucault - poder e dominação na escola. Está apresentando, inicialmente, como foi apreendido o conceito de alegoria no sentido dado por Benjamin. Em seguida trata, infelizmente, da atualidade das discussões indicadas por ele. A partir daí, desenvolve-se a questão da escola, por meio de fragmentos (fictícios ou reais) sobre a escola. Por fim, resgata o tema num exercício de auto-argüição, que pode ser coletiva, sobre o papel do educador que visa a não contar, a não produzir e a não ser instrumento de uma história aurática da escola.

A Alegoria

A compreensão da alegoria deu-se a partir da analogia entre a arte aurática e a arte alegórica. A visão aurática está repleta de contemplação diante da presença do belo, do momento único congelado pelo artista. É detentora de um caráter raro, permanente e imutável, e por isso acessível a poucos. A alegoria se diferencia dessa visão por seu caráter mutável - uma composição de fragmentos que revela um todo imediato e composto. Seu conjunto de símbolos quer ter uma significação própria para o todo, onde o significado é apreendido imediatamente.

Os mesmos símbolos da arte aurática são tomados para construir um novo sentido, revelador, denunciador de uma história de dominação, e, por

* Professor do Ensino Público Fundamental e Médio no Rio de Janeiro (Fundação Osório e Itaboraí), mestrando na UERJ-RJ (Educação). Terra Livre, nº 14 - jul/1999.

isso mesmo, detentor em potencial da capacidade humana de construção de felicidade.

Aplicado à história, a visão aurática corresponde à versão do dominador, interessado em apresentar os fatos com sentido em si mesmo. Já a visão alegórica corresponde à versão do dominado, mesmo que não esteja sendo contada por um deles, mas por algum dominador desencantado, insatisfeito.

A Contemporaneidade Que Encanta No Texto Benjaminiano

Uma leitura, ainda que inicial, de alguns textos de Benjamin tem a capacidade de nos deixar encantados com a sensibilidade e clareza com que ele se posiciona contra as formas de opressão, em defesa da liberdade e da felicidade.

Impressiona também pela atualidade de suas colocações, e aí reside um motivo maior para nossas reflexões, sua incrível capacidade de observar e se envolver com os dramas e os desejos humanos para além de seu tempo. Justifico, portanto, que esse encanto benjaminiano não se refere somente ao conceito de alegoria, mas aos seus pensamentos que tomamos contato nas leituras mais recentes.

O Que Vemos De Alegórico Na Escola

O contato e a reflexão sobre a alegoria tiveram todo o tempo, um direcionamento para a escola, para o processo de educar nela realizado. Essa foi uma condição quase inevitável para o círculo de discussão: educadores de espíritos inquietos, num debate fecundo sobre a condição humana do ponto de vista da cultura e do poder. Implica, no entanto, que essa dificuldade de distanciamento em relação aos nossos objetos de pesquisa, bem como do nosso cotidiano, durante a leitura e debate das questões, constituiu-se também em um obstáculo. Corremos o risco de lermos Benjamin procurando argumentos para as situações que vivenciamos. Contudo, não se pode negar, infelizmente, a atualidade da luta proposta por Benjamin contra a dominação e as suas formas de poder.

Ocorre que propor uma leitura alegórica da escola, numa apropriação da visão alegórica de Benjamin em relação à arte e à cultura, parece-me uma

pretensão um tanto demasiada para esse espaço, mas ensaiamos esse propósito mesmo assim, assumindo desde já os limites, meus e desse espaço. Esperamos que os fragmentos-pensamentos expostos traduzam um pouco de nossas idéias, ainda inquietas e angustiadas.

Aprovamos a escola e a história que dela se conta? Arrisco a dizer que responder positivamente, de forma descritiva, corresponde a assumir uma visão aurática. Superá-la significa trilhar um pensamento onde se possam revelar fragmentos, sinais de dominação desde a gênese institucional da escola de massa, até as relações mais cotidianas entre os elementos envolvidos com as ações no interior da escola.

A professorinha

Houve tempo em que o orgulho da família era ter uma filha formada professora. Era quase um rito de passagem. Sua marca: a meiguice no trato com todos, gostar de crianças, a caligrafia perfeita e redondinha. Uma dedicação quase franciscana aos deveres e aos cadernos de seus alunos. Mas não se engane ao pensar que não havia ordem nas aulas. A disciplina imperava muitas vezes fiscalizada pela palmatória, pelo castigo no banquinho... As flores recebidas das mãos dos alunos e os versos que ouvia desmanchavam-lhe o coração.

A Foto

No álbum encontra-se uma foto amarelada. O cenário: a mesa da biblioteca da escola, o mapa do Brasil em segundo plano, a bandeira do Brasil sobre a mesa. Cabelo cortado, uniforme impecável. Caneta em punho. O ar sério ou sorridente retrata uma criança que vem descobrindo o mundo da leitura. Talvez já domine o abecedário, para orgulho dos familiares. Quem sabe a leitura possa livrar-lhe do trabalho braçal e desqualificado.

“Hei De Vencer Estudando”

Esta frase marcava a tampa de um singelo estojo de madeira para guardar lápis coloridos ou não. Presente de uma madrinha para o afilhado que chegava à segunda série do primário. Ao lado da frase, o símbolo do Sobre

Uma Literatura Alegórica Da Escola domínio das letras: um livro/caderno abertos, uma pena e alguns rabiscos.

Aquela criança não tinha as dimensões do que significava aprender, tampouco sabia os vários sentidos da palavra vencer, dado que o verbo denota uma luta inevitável. Alimentou, no entanto, a crença de que o lugar da leitura e dos livros trazia para ele um mundo estranho à sua casa, tornava-o admirado, sonhando com as histórias que lia. Mundo estranho, cheio de histórias de vencidos que não falam palavras que dizem horrores de guerras distantes, trabalhos que agriem a terra. Agora lhe povoa a mente a lembrança dos muitos amiguinhos que não acreditaram como ele: ficaram.

Uma Flor Vermelha De Cabo Verde

Essa história não é nova. Foi contada por uma Professora de Didática em um curso de licenciatura - que não citou autor ou fonte.

Um menino adorava desenhar. Primeiro, rabiscava o chão e nele fazia as palavras e os sonhos de seu mundo infantil. Depois, vieram alguns lápis de presente e papel. Seus desenhos ficaram coloridos também na aparência. Seu mundo colorido ganhava formas e cores segundo as suas fantasias; criava todo tipo de desenho capaz de representar o mundo de suas experiências. O menino cresceu e precisou ir à escola: era uma escola grande, com portas altas, paredes grossas e uma professora sorridente na entrada.

Um dia, a professora disse que todos deveriam pegar lápis colorido e papel, pois a tarefa daquele dia era desenhar. O menino achou ótimo e começou a desenhar. Foi interrompido pela professora. Era preciso esperar, pois todos deveriam desenhar uma flor. Tudo bem que fosse uma flor, seu mundo possuía flores de todos os tipos, cores e formas. E assim ele desenhava. Nova bronca! A flor deveria ser vermelha, de cabo verde e uma folha. Contrariado, ele desenhava uma flor vermelha de cabo verde. Novas e muitas atividades de desenho foram realizadas naquela escola.

Quando a família precisou mudar de cidade o menino foi matriculado em uma nova escola. Logo no primeiro, dia a nova professora disse que todos começariam desenhando alguma coisa. Como o menino não começava a desenhar, a professor foi perguntar-lhe se havia algum problema.

Ele disse que estava esperando o sinal e ela respondeu-lhe que não era necessário. Ele perguntou como saberia o que desenhar e ela lhe respondeu que era para desenhar o que tivesse vontade. Posso desenhar uma flor? Perguntou ele. Claro que sim, respondeu a professora. O menino ficou muito feliz e fez um belo desenho. Era uma flor vermelha, de cabo verde.

Lágrimas

À noite, que não começa por causa do horário de verão, é de festa e homenagens. Os meninos e meninas, alguns nem tanto pueris, vestem-se especialmente para o evento. É a formatura da 8ª série. Os sorrisos e algumas declarações de amizade são trocados. Os familiares acompanham orgulhosos. Alguns chegam sozinhos e nem todos carregam o ar de quem se incomoda com isso. Em meio aos discursos, chegam às lágrimas, alguns aplausos para o amigo orador, o professor paraninfo, o apelo sentimental da música e a placa para homenagear o professor que se aposenta. Alguém diz que agora eles iniciam nova jornada - ninguém falou que nem todos seguiriam. A certeza de que seguirão separados enche novamente os olhos.

Nenhum deles declara tristeza por aquelas lágrimas. Não é a lembrança da fila para a matrícula, o dinheiro curto para o livro ou a passagem, a prova surpresa que arrasou as palavras nem sempre carinhosa dos colegas ou dos professores, nem a lembrança de um passeio perdido por causa da recuperação, ou coisas do tipo, que faz transbordar o coração de emoção. Ali, o que se troca e o que se celebra é o carinho encontrado, um apoio recebido num momento difícil, os amigos que se conquistou e que a vida obrigará a distanciar para cada um seguir o seu caminho. Talvez não se cruzem jamais.

Naquele instante os professores não atinam, mas no ano seguinte esse momento se repetirá outros corações, outros meninos e meninas lhes dirão da saudade, esquecendo broncas e provas. O calendário já será outro.

O Ministro Fala

O quinto dedo refere-se à educação. Não uma educação qualquer de uma escola qualquer, mas uma escola para o mundo da globalização. O mundo está moderno, exige idéias e técnicas novas. Tudo é veloz e alunos e

professores precisam acompanhar o ritmo do mundo. Parabólicas, livros, teleaulas e educação sexual são sinais do compromisso com essa modernização. O treinamento *in job* garante a necessária *reciclagem dos professores*. Os provões comprovam a eficiência dos métodos e diz quem merece ou não alcançar os recursos para a educação. Laboratórios de informática e a televisão encantam os eleitores na propaganda eleitoral. A tecnologia de informação chega para trazer mais qualidade e possibilidade à educação. A escolaridade dos trabalhadores são um diferencial importante para a capacidade dos países atraírem investimentos e para isso a escola está ficando melhor.

A Escola, Nossos Fragmentos, Leituras

A ousadia, a angústia e a procura nem sempre do que é novo, mas do que liberta precisa estar presente em nossas ações e reflexões sobre a escola. Diante de inúmeros fragmentos cotidianos de tantos de nós, as pequenas histórias citadas aqui são apenas pontos. Pequenos sedimentos, ora arrastados, ora preservados - mas quem somos para dizer do alcance e da importância de cada um? Importa, no entanto, nos perguntarmos o que fizemos e o que vamos fazer quando estas e outras se repetirem se reeditarem em cada canto. Diante delas, iluminadas pelo pensamento de Benjamin, menos respostas encontro e mais me entrego a uma auto-argüição infundável, por vezes solitária, outras vezes não, ora angustiada e nunca sem esperança. Esse autoquestionamento é que nos parece fundamental compartilhar, e quem sabe, ao proferi-lo, encontramos pares e trilhas.

Auto-Argüição E A Escola Para O Prazer E Liberdade

Gostaria de indicar o aprendizado a respeito das inquietações de Benjamin com um pouco do espanto que suas idéias provocaram em relação à capacidade humana de destruir a liberdade, de produzir subordinação. E com esse espanto ousar algumas perguntas que acreditamos, ao serem respondidas, ou até mesmo na procura de suas respostas, possam trazer alguma possibilidade de produzir uma história que não seja apenas dos dominados, mas que possua a magia de uma humanidade feliz.

Para isso, começo com uma pergunta marcante nos encontros de discussão dos textos de Benjamin: quais as passadas que o homem/que nós temos dado na direção de estar produzindo maior felicidade? Qual ou quais têm sido as nossas responsabilidades para realizar isto? Queremos ser produtores, repetidores, formadores de leitores ou de produtores eloqüentes?

Há indícios de parte das respostas. Benjamim, no entanto, deixa que escolhamos as nossas ações no sentido de combater a luta contra a barbárie que nunca terminou, visto que a história tem sido sempre a dos vencedores. Nesse sentido é que há um apelo para que prevaleça a inteligência. Não uma inteligência comprometida com o progresso determinante do capital, onde no lugar privilegiado do progresso não cabe o humano, mas a técnica, a quantidade - um progresso medido pela sua qualidade total mercadológica.

Estamos dessa forma convocados a sermos mais produtores e menos leitores, a sermos desconfiados da otimização do aparelho produtivo, comumente abastecido por aqueles que não se perguntam que felicidade sua contribuição vai produzir.

Ao impulso comprometido de nos tornamos produtores, a epígrafe desse trabalho parece trazer um recado contundente para a condição do educador. Em especial, educadores que insistem em possibilitar a cada educando ser um produtor de sentido para história humana, e não formar intermediários da história dos dominados. Não emudeça o clamor dos derrotados. Fique claro que esse clamor, apesar da possível melancolia, precisa ser potencializado para resgatar a sua luta. Essa educação estará em parte nas atitudes de confiança, solidariedade, de astúcia e firmeza em defesa da liberdade e do prazer de aprender e ensinar.

Para arriscar uma breve conclusão, apelo para a palestra da Prof^a. Sônia Kramer, proferida na ANPED, em setembro de 1998, na qual, questionando a todos sobre o componente ético que norteia nossa ação no trabalho de educar os jovens, insiste de forma decisiva no necessário compromisso de produzirmos uma educação contra a barbárie. Aproveito, então, a mesma citação do seu texto:

Quando vejo ao meu redor que os jovens estão perdendo os antigos valores populares e absorvendo os novos modelos impostos pelo capitalismo, correndo assim o risco de uma forma de desumanização, de uma forma de afasia atroz, de uma brutal ausência de capacidade crítica, de uma facciosa passividade, me lembro de que estas eram exatamente as características típicas da SS; e assim vejo se estender sobre nossas cidades a sombra horrenda da suástica. (Pasolini, 1990, p.115).

Diz ela:

“Explicito assim meu ponto de vista de que não corremos o risco de chegar à barbárie porque há muito vivemos na barbárie. (...) Os sinais dessa barbárie hodierna são muitos. Desde o índio incendiado de Brasília, aos crimes ecológicos de espaços distantes. Um educador comprometido com a felicidade humana, materialista histórico, pós-moderno ou de qualquer rótulo, não pode esquecer jamais desses fatos. Não podem ignorar-lhe o clamor de justiça dos mortos, alguns vivos. Do lugar comum de cada um, há a possibilidade de encontrando o diferente, o múltiplo, somar para suportar a responsabilidade que este século de progresso nos lega.”

Referências

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- KOTHE, Flávio René. Para ler Benjamin. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- KRAMMER, Sonia. Linguagem, cultura e alteridade: para ser possível a educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbárie. [Apresentação feita na Sessão Especial “Linguagem, Cultura e Alteridade”, na 21 Reunião Anual da ANPED, Caxambu, set. 1998] Janeiro de 1999, verão quente, governo novo, trabalho virtual na Ford do Brasil/SP.